

FORMAS DE INTRODUIZIR O DIZER DO OUTRO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE ESPECIALISTAS

FORMS TO INTRODUCE OTHER'S SPEECH IN SCIENTIFIC ARTICLES PRODUCED BY EXPERTS

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento¹

José Cezinaldo Rocha Bessa²

Rosângela Alves dos Santos Bernardino³

Resumo: Este trabalho objetiva investigar as formas de introdução do discurso citado mobilizadas na tessitura de artigos científicos produzidos por pesquisadores especialistas, mais especificamente pesquisadores da área de Geografia. Como fundamentação teórica, buscamos respaldo, principalmente, em postulados de Bakhtin (1990, 2006), Authuier-Revuz (1990; 2004), Maingueneau (1996; 2002) e de Marcuschi (2007). O corpus é composto por 10 (dez) artigos científicos produzidos por especialistas (doutores) da área de Geografia e publicados no periódico *Sociedade & Natureza* entre 2008 a 2010. A análise mostra ocorrência de quatro formas de introduzir o discurso citado, a saber: (i) os recursos tipográficos, sendo esses os introdutores mais mobilizados na escrita dos artigos científicos; (ii) os grupos preposicionais, segunda forma de introduzir mais mobilizada; (iii) o verbo dicendi + “que” e (iv) os verbos introdutores que aparecem, respectivamente, em penúltimo e último lugar, em termos de ocorrências nos textos investigados. A predominância dos recursos tipográficos revela uma tendência dos especialistas em: (i) tentar uma aproximação em relação ao discurso do outro; (ii) não interferir nos sentidos do discurso do outro citado na materialidade textual; (iii) exigir um maior esforço do leitor na compreensão dos discursos citados, visto que os recursos tipográficos não fornecem pistas ou indicação semântica sobre o conteúdo do discurso citado. Ademais, os dados revelam uma tendência mais geral de como os sujeitos enunciadore lidam com o discurso do outro, como eles mobilizam esses outros discursos, que funções essas vozes de outrem exercem no discurso dos enunciadores.

Palavras-chave: *Introdutores de discurso citado; Artigo científico; Construção de sentidos.*

Abstract: This study aims to investigate the forms to introduce reported speeches in scientific articles produced by experts, specifically researchers from the field of Geography. As theoretical background, we found support, especially in postulates of Bakhtin (1990, 2006), Althier-Revuz (1990; 2004), Maingueneau (1996; 2002) and Marcuschi (2007). The corpus consists of ten (10) scientific articles produced by researchers with a doctoral degree on Geography and published between 2008-2010 in the journal «Sociedade & Natureza». The analysis shows the occurrence of four ways to introduce reported speeches: (i) with typographic features, these being the

¹ Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, Brasil. E-mail: ilderlandionascimento@yahoo.com.br

² Docente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus de Pau dos Ferros, RN, Brasil. Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara. Pau dos Ferros, Brasil. E-mail: cezinaldo_bessa@yahoo.com.br

³ Docente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus de Pau dos Ferros, RN, Brasil. Doutoranda em Linguística teórica e descritiva pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pau dos Ferros, Brasil. E-mail: rosangelabernardinno@uern.br.

most mobilized introducers in the writing of scientific articles; (ii) prepositional groups, which are the second way to introduce reported speeches, and (iii) saying verbs + "that" just as (iv) introductory verbs appearing respectively in the penultimate and last place in terms of occurrences in the investigated texts. The predominance of typographic features reveals the tendency that experts: (i) try to get closer to the speech of others; (i) not to interfere in the meanings of reported speech in textual materiality; (iii) require more effort from the reader in understanding the reported speeches, as the typographic features not provide clues or semantic indication of the content of the reported speech. Furthermore, the results reveal a more general trend of how enunciators deal with other's speech and mobilize them and of which functions these utterances managed in the speakers speeches.

Keywords: *Introducers of reported speech; Scientific article; meaning construction.*

1 Introdução

Os estudos do discurso citado têm ocupado a atenção de vários estudiosos da linguagem, mais especificamente daqueles que investigam o funcionamento da linguagem no universo acadêmico-científico, nas suas mais variadas temáticas, por exemplo, o discurso citado em textos teóricos produzidos por estudantes universitários (BOCH & GROSSMANN, 2002); as formas e funções do discurso do outro (PEREIRA, 2007); atividades de retextualização em práticas acadêmicas (MATÊNCIO, 2002); as estratégias de parafraseamento (BERNARDINO, 2009); as formas de retomada de discurso citado (BESSA, 2010), entre outros. Essa tendência pode ser entendida como um reflexo de uma ancoragem na concepção de linguagem como sendo constitutivamente dialógica, tendo nos postulados bakhtinianos a fundamentação de base e, também, por conta de uma preocupação com a qualidade da produção acadêmico-científica, dada a atual efervescência de publicações de trabalhos produzidos na universidade. Dialogando com esses estudos sobre a escrita de textos acadêmico-científicos, investigamos os recursos linguístico-enunciativos de introdução dos discursos de outrem na escrita de pesquisadores especialistas (doutores), atentando para a construção de sentidos do texto/discurso a partir desses introdutores.

O presente trabalho é um recorte da pesquisa *A referência ao discurso do outro em textos acadêmicos de especialistas de diferentes áreas do conhecimento* (BESSA, 2010), realizada com apoio do PIBIC/CNPq/UERN, cujo propósito era investigar como pesquisadores especialistas mobilizam, na tessitura de artigos científicos, o recurso ao discurso do outro. Neste recorte que aqui fazemos, centramos nossa atenção nas formas de introdução do discurso citado mobilizados na tessitura de artigos científicos produzidos por pesquisadores especialistas da área de Geografia. As questões que orientam esse estudo são as seguintes: (1) que introdutores os pesquisadores especialistas mobilizam para inserir o discurso do outro em artigos científicos?; (2) quais introdutores de discurso citado são mais

recorrentes?; e (3) como as formas de introdução do discurso de outrem mobilizadas afetam a construção de sentidos do texto/discurso?

A pesquisa é de caráter descritivo e documental, de base qualitativa, realizada com um *corpus* composto por 10 (dez) artigos científicos publicados no periódico *Sociedade & Natureza*. Para a constituição desse *corpus*, fizemos um levantamento de todos os artigos publicados por doutores no período considerado entre 2008 a 2010 e, após esse levantamento, utilizamos o sorteio como critério de seleção dos artigos.

Como fundamentação teórica, buscamos respaldo, principalmente, em postulados de Bakhtin (1990, 2006), na sua concepção de dialogismo e de discurso citado; Authier-Revuz (1990, 2004), nos estudos sobre a heterogeneidade mostrada no discurso; Maingueneau (1996, 2002), nas discussões sobre os introdutores de discurso citado; e Marcuschi (2007), em seu estudo sobre os verbos introdutores de discurso citado.

Feitas essas considerações introdutórias, cumpre assinalarmos como organizamos o presente trabalho: inicialmente, fazemos uma discussão acerca do dialogismo, focando nas questões referentes ao discurso citado, bem como sobre a heterogeneidade mostrada no discurso; logo depois, discorremos sobre os introdutores de discurso citado; em seguida, analisamos excertos extraídos do *corpus*, ressaltando aspectos qualitativos, tecendo comentários interpretativos acerca dos achados da pesquisa; e, por fim, sintetizamos os resultados obtidos, fazendo nossas considerações finais.

2 Situando o estudo: considerações sobre o dialogismo e a heterogeneidade mostrada no discurso

Para o estudo dos introdutores de discurso citado proposto neste trabalho, consideramos a linguagem numa perspectiva dialógica, ou melhor, compartilhamos da tese bakhtiniana, amplamente aceita e defendida por muitos estudiosos, de que todas as manifestações de língua(gem) acontecem tendo como princípio a relação entre discursos. Desse modo, entendemos, conforme postula Bakhtin (1990, p. 88), que: “a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo”. Desses dizeres, fica claro que todas as manifestações de discurso/linguagem têm como natureza constitutiva o diálogo com o “já dito”, com o discurso do outro.

Vale esclarecer que assumimos aqui a perspectiva dialógica no que diz respeito ao

entendimento da noção de texto/discurso/enunciado. Na perspectiva dialógica, esses termos são tomados de forma integrada. Na concepção do Círculo de Bakhtin, o texto é entendido como uma materialidade verbal, como um produto do discurso, como *conjunto de signo ideológico*. O discurso, por sua vez, é concebido a partir de relações dialógicas, ou seja, o discurso nasce na relação com outros discursos, como resposta a outros: todo discurso, ao mesmo tempo em que é uma resposta, uma réplica, convoca outros discursos como resposta. É nesse sentido que todo discurso é dialógico. E essas relações dialógicas se materializam em textos/enunciados concretos, ou seja, os textos são produtos de relações dialógicas. Assim, usamos *texto/discurso* como equivalentes. Sendo assim, quando fizermos menção a um ou outro isoladamente não significa dizer que o outro não esteja implicado.

Ao discorrer sobre o dialogismo como constitutivo da natureza dos discursos, Bakhtin (1990, p. 88-89) afirma que “o discurso nasce do diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto”. Conforme esse pensamento, é possível dizer que o nascimento de um discurso qualquer tem como primeiro movimento o diálogo com outros discursos, com outras vozes, com outros enunciados. Esse movimento é feito em direção a um objeto que, por sua vez, é atravessado historicamente por vários discursos. Destarte, o embrião de todo enunciado é formado no *útero* da interação dialógica da linguagem, sendo sua natureza, portanto, marcada pelo dialogismo, pela relação com outros.

Cabe ressaltar que, segundo esse autor,

O discurso de outrem [...] pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, ‘em pessoa’, como uma unidade integral da construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama lingüística do contexto que o integrou. (BAKHTIN, 2006, p. 150).

Conforme esses dizeres, o discurso do outro conserva sua autonomia, isso porque o contexto lingüístico que introduz uma outra fala em sua estrutura não apaga as marcas do dizer do outro. No discurso citado, o locutor utiliza certas *construções sintáticas* – no dizer de Bakhtin (2006) – para apreender e delimitar o discurso alheio, ou seja, a assimilação do discurso de um enunciador distinto daquele que é responsável pela enunciação do discurso. Desse modo, o discurso citado consiste em uma das formas da *heterogeneidade mostrada* no discurso – termo postulado por Authier-Revuz (2004) – isto é, o conjunto de formas lingüísticas que inscrevem o outro na linearidade do discurso, representando de diferentes

modos a negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.

Authier-Revuz desenvolve seus estudos com base em princípios postulados por Bakhtin, e um deles diz respeito ao entendimento de que o dialogismo é uma *condição* de constituição do sentido. Em outras palavras, a perspectiva dialógica apresenta-se como peça fundamental para os estudos da linguagem desenvolvidos pela autora, por considerar que os sentidos dos discursos são produzidos *no* entrecruzamento entre discursos. Nessa perspectiva, o discurso é concebido como produto do *interdiscurso* (noção advinda dos estudos de Pêcheux), não existindo, portanto, um discurso adâmico, mas, de modo geral, os discursos são permeados e constituídos pelo dizer do outro. É no dizer do outro que o discurso do sujeito se constrói e tece seus fios dialógicos.

Em seus estudos, como já mencionado, essa autora postula o conceito de *heterogeneidade*. Ela classifica a heterogeneidade em *duas ordens de realidades diferentes*: constitutiva e mostrada. A primeira é aquela que não se mostra no fio do discurso; já a segunda é a inscrição do outro na cadeia discursiva, alterando sua aparente unicidade. Authier-Revuz (1990) conceitua a heterogeneidade constitutiva como sendo da própria natureza da linguagem. Ela defende que a linguagem apresenta, de forma constitutiva, uma natureza heterogênea, isso porque os discursos são formados a partir de discurso já ditos, já enunciados.

Segundo Authier-Revuz (1990, p. 25), “a heterogeneidade mostrada pode ser marcada por meio de formas linguísticas (discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa), denunciando a presença do outro explicitamente”. Essas formas, como podemos depreender das palavras da autora, são responsáveis por explicitar a voz do outro no interior do discurso. Além disso, servem como introdutórios de discurso citado e, em muitos casos, são as únicas marcas que caracterizam ou delimitam um modo de discurso citado.

Em estudo de Maingueneau (2002), verificamos que esse autor analisa o uso dessas *formas linguísticas* e, a partir delas, caracteriza vários modos de citar o discurso do outro. Com base nesse estudo, podemos apresentar várias formas de instaurar o diálogo com outras vozes na construção dos discursos – também denominadas formas de dialogismo mostrado ou formas de heterogeneidade mostrada. Maingueneau (2002) lista as seguintes: (i) discurso citado direto (DD); (ii) discurso citado direto com que; (iii) discurso citado indireto (DI); (iv) ilhota citacional; (v) evocação; (vi) modalização em discurso segundo e (vii) resumo com citações. Considerando que cada uma dessas formas exige um tratamento aprofundado, não sendo esse nosso objetivo aqui, vamos nos deter especificamente naquelas formas que foram

mobilizadas no *corpus* e que, conseqüentemente, apresentam introdutores.

De acordo com Bakhtin (1990), o discurso direto procura conservar a integridade e a autenticidade do discurso alheio, esforçando-se para delimitar esse discurso com fronteiras nítidas e estáveis. Comungando desse mesma concepção, Maingueneau (1996, p. 105) destaca o conceito de “responsabilidade”, ao dizer que “o discurso direto é a reprodução ‘fiel’ do discurso citado, constituindo o locutor uma espécie de gravador ideal [...] mas delega a responsabilidade da fala citada a um segundo ‘locutor’, o do discurso direto.” A particularidade do discurso direto é que implica a existência de dois atos enunciativos, separados por fronteiras que o discurso citante utiliza, como por exemplo: itálico, aspas e presença de um verbo introdutor.

Nessa mesma linha, Authier-Revuz (2004, p. 12) diz o seguinte: “no discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples ‘porta-voz’”. Nesta visão, aquele que mobiliza o discurso direto é tido como “reprodutor das palavras de um outrem”. Assim, em um discurso temos duas vozes claramente delimitadas por fronteiras que o locutor utiliza para apresentar as próprias palavras do outro.

Já no discurso citado indireto (DI), o locutor traduz, interpreta as palavras de outrem, isso porque não são as palavras exatas que são relatadas, mas um equivalente semântico do discurso citado ou do *conteúdo do pensamento*. Maingueneau (1996, p. 150) explica que, “diferentemente do que acontece no discurso direto, é o sentido do verbo introdutor [...] que mostra haver um discurso relatado e não uma simples oração subordinada substantiva objetiva direta.”

Maingueneau (1996, p. 150) acrescenta que “no DI há *apenas uma situação de enunciação*; as pessoas e os dêiticos espaço-temporais do discurso citado são identificados, com efeito, em relação à situação de enunciação do discurso *citante*”. Conseqüentemente, o discurso citado perde sua autonomia, existindo apenas uma única situação de enunciação, a do discurso citante. Assim, nesse modo de discurso citado, o locutor se comporta como “tradutor” das palavras citadas. Para Authier-Revuz (2004, p. 12), “fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do ‘sentido’ dos propósitos que ele relata”. Ou seja, o locutor não se preocupa em citar fielmente as palavras do discurso fonte, mas em extrair dele o sentido.

Quanto ao discurso citado direto com “que”, conforme Maingueneau (2002, p.151), “encontram-se frequentemente ocorrências de DD após introdutores de DI (verbo + *que*).

Quando há embreantes, eles são identificados em relação ao discurso citado, como é de regra no DD”. Esse modo de discurso citado apresenta as mesmas características do DD, divergindo desse em razão de estar condicionado a ter como introdutor um *verbo dicendi* mais *que*, e isso o caracteriza como uma forma híbrida. Assim, nesse modo de discurso citado, o locutor tenta, ao mesmo tempo, manter uma certa distância em relação ao discurso citado e “colar-se” a sua linguagem e ao seu ponto de vista.

Na *modalização em discurso segundo*, conforme Maingueneau (2002), o enunciador, além de remeter ao discurso de outra pessoa, indicando que ele não é o responsável pelo enunciado, pode *comentar sua própria fala*. O autor observa, ainda, a diferença entre a *modalização em discurso segundo* e o discurso indireto. Ressalta que este é introduzido por um verbo *dicendi*, enquanto aquela é introduzida por modalizadores que podem ser, como nos casos citados, grupos preposicionais (de acordo com, conforme, segundo), verbos, dentre outros.

Todos esses modos mencionados se configuram como formas de apreensão do discurso do outro e apresentam particularidades que distinguem uma forma da outra. Essas particularidades estão, em sua maioria, presentes nas formas de introdução, como veremos na discussão feita a seguir.

3 Aprofundando o estudo: os introdutores de discurso citado

Segundo Maingueneau (2002), as formas de introduzir o dizer do outro precisam satisfazer a duas exigências: primeiro, indicar que houve um ato de fala e, segundo, marcar a fronteira que separa o discurso citante do discurso citado. Essas formas de introduzir o discurso do outro exercem a função de delimitar dois atos enunciativos, o do discurso citante e o do discurso citado, garantindo, assim, a fidelidade ou não ao discurso alheio. Nessa perspectiva, podemos destacar a importante função enunciativa dos verbos introdutores, dos recursos tipográficos, dos grupos preposicionais e do verbo *dicendi* + “que” na construção dos sentidos do discurso. No quadro presente na página seguinte, apresentamos a caracterização/função de cada um desses introdutores de discurso citado, com base nas abordagens de Maingueneau (2002) e de Marcuschi (2007).

Com base nessa caracterização e função dos introdutores esboçados no quadro a seguir, pautaremos a análise das formas de introduzir o discurso do outro mobilizados pelos pesquisadores especialistas na escritura de artigos científicos da área de Geografia

Formas de introduzir o discurso do outro	Caracterização/função
Verbos introdutórios	<ul style="list-style-type: none"> - Para ser introdutor de discurso citado, o verbo não precisa designar um ato de fala, nem precisa ser transitivo. - “É o fato de estarem acompanhados de DD (discurso direto) que os converte retrospectivamente em introdutores de discurso relatado” (MAINGUENEAU, 2002, p. 144). - O que faz um introdutor de discurso relatado é exatamente a presença de uma outra fala, de um “outro” no interior do discurso citante. - “O verbo introdutor fornece um certo quadro no interior do qual será interpretado o discurso citado.” (MAINGUENEAU, 2002, p. 144). - Os verbos introdutórios, “primeiro lugar, agem diretamente sobre o discurso relatado; segundo lugar, atuam sobre a compreensão desse discurso e, em terceiro, podem ser eles próprios o relato da forma como o discurso relatado atuou ou deve atuar.” (MARCUSCHI 2007, p. 157). - Os verbos introdutórios “não são neutros, mas trazem consigo um enfoque subjetivo”. (MARCUSCHI, 2007, p.144).
Recursos tipográficos	<ul style="list-style-type: none"> - Servem para indicar que aquela parte do texto destacada (marcada) não é assumida pelo locutor. - Marcam a alteridade do discurso citado. - Delimita explicitamente o discurso citado, mantendo a distância entre o discurso citado e o citante. - Marca a voz do outro, delimita, indica que o que está destacado são palavras de um outro. (MAINGUENEAU, 2002, p. 144)
Grupos preposicionais	<ul style="list-style-type: none"> - “Os grupos preposicionais assinalam uma mudança de ponto de vista”. (MAINGUENEAU, 2002, p. 144). - Os grupos preposicionais podem ser mobilizados para introduzir discurso citado direto e, também, modalização em discurso segundo. - Tem a função de remeter ao discurso de outra pessoa. - “introduzem literalmente (discurso citado direto) ou parafraseando um discurso (modalização em discurso segundo)”. (MARCUSCHI, 2007). - “As expressões mais frequentes são: ‘segundo fulano, ‘na opinião de...’, ‘para fulano’, ‘a seu ver’, ‘de acordo com’, etc. Estas formas deixam as opiniões por conta de quem as emite.” (MARCUSCHI, 2007, p. 148).
Verbo <i>dicendi</i> + que	<ul style="list-style-type: none"> - O verbo <i>dicendi</i> + que é mobilizado para introduzir um discurso citado indireto e, segundo, para introduzir uma forma híbrida de discurso – o discurso citado direto com “que”. - O uso desse introdutor, além de introduzir o discurso citado indireto, cria uma forma híbrida de discurso citado. (MAINGUENEAU, 2002, p. 144)

Quadro 01: Caracterização das formas de introduzir o discurso de outrem

4 Formas introdutoras do discurso de outrem na construção de sentidos de artigos científicos

No *corpus* analisado, foram identificados um total de 04 (quatro) formas de introduzir o discurso citado, a saber: (a) verbos introdutores; (b) recursos tipográficos; (c) grupos preposicionais; (d) verbo *dicendi* + “que”. Vejamos abaixo um gráfico com as recorrências desses introdutores no *corpus* da pesquisa:

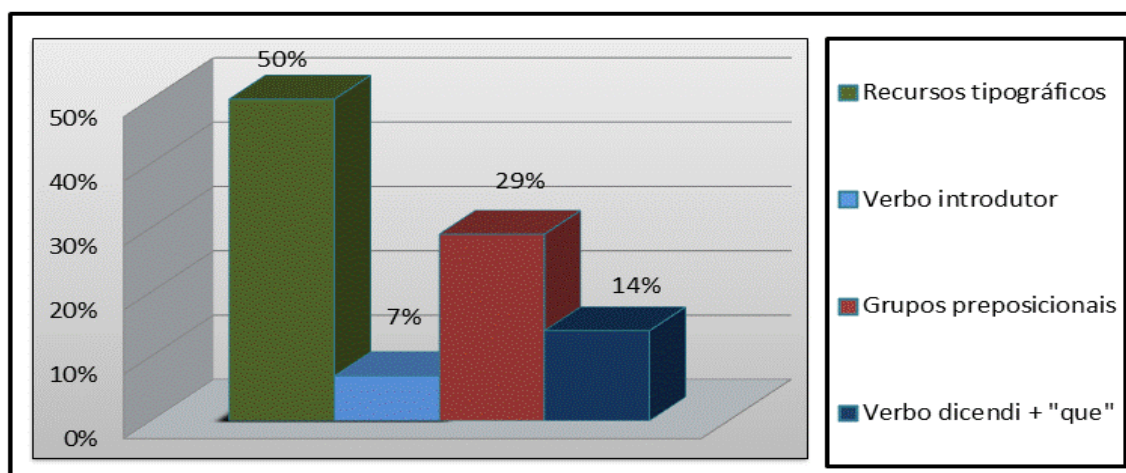


Gráfico 01: Introdutores de discurso do outro em artigos científicos de especialistas da área de Geografia

Conforme o gráfico 01, verificamos que os recursos tipográficos (aspas, itálico, recuo e diminuição da fonte) destacam-se como introdutores de discurso de outrem mais mobilizados nos artigos científicos analisados, representando 50% das ocorrências. Além desses recursos, destacam-se ainda os grupos preposicionais (para, segundo, conforme, etc.), com 29% das ocorrências. Logo em seguida, temos no uso do verbo *dicendi* + “que”, com 14% e, por último, a menor ocorrência aparece no uso de verbos introdutores, com apenas 7% das ocorrências.

A significativa recorrência do uso dos recursos tipográficos merece um destaque especial, visto que, como conceitua Maingueneau (2002), nesse caso as fronteiras entre discurso citante e discurso citado são demarcadas por recursos como aspas, itálico, entre outros. Sem eles, discursos citante e citado se fundiriam, havendo apenas um ato enunciativo. Diante disso, podemos inferir que a mobilização desses recursos como forma de introdutores permite estabelecer uma sutil ruptura entre os dois atos enunciativos: o discurso do especialista e o discurso do outro que ele cita.

Cabe ainda dizer que, se os introdutores como os verbos, os grupos preposicionais não

são “neutros”, como apontam os estudiosos aqui citados, o uso de recursos tipográficos parece indicar uma tentativa de “neutralizar” qualquer comentário ou juízo de valor por parte do discurso citante em relação ao discurso citado. Isso porque os recursos tipográficos fazem uma ruptura entre os dois atos enunciativos de forma muito sutil, não havendo, nesse sentido, um termo introdutor que exerça semanticamente qualquer influência sobre o conteúdo do discurso do outro citado.

Essa ideia fica mais evidente ao verificarmos que o uso de verbos introdutores ocupa uma porcentagem menor em relação às demais formas de introduzir. Isso pode ser um indicativo de que os especialistas, ao mesmo tempo em que mantêm uma máxima aproximação do discurso do outro por meio de recursos tipográficos, não investem em movimentos que infiltrem comentários sobre o discurso que cita, ou seja, o pouco uso de verbos indica poucos movimentos de comentários, de interpretações de conteúdo, de juízo valorativo. Isso sugere, ainda, uma maior adesão do locutor ao discurso citado, já que não refuta, não comenta, não avalia os dizeres de outrem, etc.

Para compreendermos melhor como os introdutores foram mobilizados no *corpus* da pesquisa, apresentamos, a seguir, a análise de fragmentos representativos de cada uma das formas de introduzir o discurso do outro.

(i) Recursos tipográficos

[...] Trata-se da possibilidade do professor pesquisar sua própria prática, buscando sua melhor compreensão e mecanismos que possam torná-la mais eficaz. “[...] o professor deveria experimentar em cada sala de aula, tal como num laboratório, as melhores maneiras de atingir seus alunos, no processo de ensino/aprendizagem (STENHOUSE, 1975, apud, LÜDKE, 2001, p.80). Imbuído desse princípio, entendo como fundamental a prática da pesquisa pelo professor, uma vez que, no mínimo, é possibilitada a reflexão sobre a sua ação. (ACG01, p.02) [...]
--

Nesse fragmento, verificamos que o pesquisador especialista cita em discurso direto as palavras de *STENHOUSE, 1975, apud, LÜDKE, 2001, p.80*. Nesse caso, não temos, entretanto, introdutores explícitos (MAINGUENEAU, 2002) introduzindo o discurso direto, pois são os recursos tipográficos que indicam haver um discurso de outrem. Como se constata no fragmento, sem as aspas não seria possível identificar exatamente quais as palavras do discurso citado. Elas exercem, portanto, um papel fundamental nessa passagem. Além disso, seu uso nesse fragmento é necessário para manter a fidelidade ao discurso do outro.

É possível perceber que o discurso de *Stenhouse, 1975, apud, Lüdke, 2001, p.80* é

citado sem termos outra indicação prévia, por parte do discurso citante, de que o fragmento que sucede na cadeia enunciativa pertence a um outro ato enunciativo, cabendo apenas às aspas indicar essa ruptura. Além disso, as aspas (recurso tipográfico utilizado) não exercem nenhuma influência semântica sobre o conteúdo do discurso de *Stenhouse*. Desse modo, embora delimitem os espaços do discurso citante e do discurso citado, os recursos tipográficos apagam qualquer possibilidade do enunciador fornecer um quadro pelo qual o leitor irá compreender o discurso do outro, ou seja, não há uma orientação introdutora que guie o leitor na compreensão das palavras do outro.

(ii) Verbo introdutor

[...] Tal como afirma Milton Santos, “A divisão internacional do trabalho é processo cujo resultado é a divisão territorial do trabalho” (SANTOS, 1996, p.106) e é somente nesta perspectiva que a geografia pode contribuir para a sua compreensão. [...] (ACG03, 2010, p. 353)

Conforme se percebe nesse fragmento, o especialista utiliza como introdutor o verbo *afirma*. Esse verbo introdutor não é “neutro” (MAINGUENEAU, 2002), pois transmite um sentido que influencia no modo como esse fragmento citado vai ser lido, interpretado pelo interlocutor, ou seja, *Santos (1996, p.106)* não apenas *disse*, ele *afirma*. Desse modo, é um verbo que indica, semanticamente, não apenas que há uma enunciação, mas ressalta o dizer do outro, classificando o dito como uma afirmação.

Esse tipo de introdutor apresenta, também, uma função avaliativa por parte do autor do discurso citante, ou seja, esse verbo pode antecipar o caráter geral da opinião relatada, conforme explica Marcuschi (2007). Esse autor defende a hipótese de que esse verbo, entre outras funções, “hierarquiza, reforça, discrimina, classifica, etc. os autores das respectivas opiniões relatadas.” (MARCUSCHI, 2007, p.158). Desse modo, o verbo *confirma* exerce a função de “hierarquizar” as palavras do outro citadas em discurso direto. Esse mesmo verbo é classificado por Marcuschi (2007) como *verbo indicador de posições oficiais e afirmações positivas*. Isso significa que, ao introduzir os dizeres de *Santos* com o verbo *afirma*, o enunciador (especialista) atribui alto valor *oficial* as suas palavras, reconhecendo-as como palavras de autoridade na área.

(iii) Grupos preposicionais

[...] as próprias noções de espaço e tempo são flexíveis, por exemplo, para Zukin (2000) a inversão das identidades espaciais é um fenômeno recorrente, para o autor, assim como no século XIX o comércio e manufatura criaram uma anulação do espaço pelo tempo, do mesmo modo o tempo foi aniquilado pelo espaço no enobrecimento, na retomada do vernacular abstraído da história etc. [...] (ACG02, p.150)

Nesse fragmento, temos dois exemplos de modalização em discurso segundo. As palavras introduzidas por *para Zukin (2000)* e por *para o autor* não são assumidas pelo pesquisador especialista, que atribui a responsabilidade dessas a *Zukin (2000)*. Nesses dois casos, é usado um mesmo introdutor *Para*, classificado por Maingueneau (2002) como fazendo parte dos grupos preposicionais.

Esse introdutor (*para*) permite que o especialista, além de não assumir a responsabilidade pelo conteúdo do discurso citado, responsabilize o outro pelo dito. Marcuschi (2007) nos diz que o uso dessas expressões devolve a responsabilidade do dito ao próprio autor da opinião, sendo, também, uma paráfrase do discurso do outro. Assim, cabe destacar que, ao utilizar esses recursos introdutórios, o pesquisador especialista está, antes de tudo, fazendo uma interpretação e parafraseamento do discurso dos autores citados.

(iv) Verbo *dicendi* + “que”

[...] Assim, nesta redefinição centro-periferia, a desconcentração é explícita também em locais cada vez mais distantes do centro, ou seja, na periferia. Gottdiener (1993, p.19), diz que “Em sua essência, a desconcentração foi a consequência de muitos anos de crescimento suburbano fora dos centros da cidade, a distâncias cada vez maiores.”
Sobre a afirmação acima, merece ser destacado que o termo suburbano, ou seja, o subúrbio nos Estados Unidos tem outra conotação e a sua produção vincula-se a outro processo sócio-espacial diferente do Brasil. [...] (ACG09, p. 355)

Neste fragmento, constatamos o uso de um verbo *dicendi diz* (indicador de enunciado), seguido de “*que*” introduzindo um discurso direto, caracteriza o que Maingueneau denomina de discurso citado direto com “que”. Conforme Maingueneau (2002), esse tipo de introdutor (*verbo + que*) é típico de discurso indireto (DI), e, quando introduz um discurso direto (DD), como no caso acima, temos uma forma híbrida de discurso citado, isso porque há o emprego de um introdutor de DI antes de DD. No trecho: [...] *Gottdiener (1993, p.19), diz que “Em sua essência, a desconcentração foi a consequência de muitos anos de crescimento suburbano fora dos centros da cidade, a distâncias cada vez maiores.” [...]*, as aspas exercem a função de delimitar as palavras citadas em discurso direto. No caso em análise, as aspas marcam um DD que veio antecedido por um introdutor de DI, o

que é típico de um discurso citado direto com “que”.

Além da delimitação de fronteiras entre os dois atos enunciativos, esses introdutores garantem a aproximação sintática entre discurso citante e discurso citado, isso porque não temos uma quebra sintática radical, mas apenas uma marcação de fronteiras feita pelas aspas. Até porque, sintaticamente falando, como vemos no fragmento acima, temos uma oração subordinada iniciada com palavras do especialista, *diz que*, e as palavras de Gottdiener entre aspas. Temos, assim, dois atos enunciativos muito próximos, mas que mantêm uma certa distância limitada pelo recurso tipográfico (aspas). Essa aproximação e, ao mesmo tempo, essa distância entre os dois atos enunciativos são causadas pelos introdutores que foram mobilizados.

Conforme os fragmentos analisados nesta seção, constatamos que o pesquisador especialista (doutor) da área de Geografia mobilizou quatro formas para introduzir o discurso do outro na construção de artigos científicos. Essas formas apresentam, cada uma, suas especificidades, variando não apenas na estrutura sintática, mas também no conteúdo semântico e nos efeitos de sentidos que elas suscitam. Nesse sentido, verifica-se que se, por um lado, o uso dos recursos tipográficos evidencia o distanciamento enunciativo do locutor, que não se posta como responsável pelo enunciado, por outro, esse distanciamento se desfaz no momento em que o locutor adere ao conteúdo citado. Mesmo sem emitir um comentário avaliativo, a adesão se manifesta, quando consideramos o contexto de um autor se reportando a postulados teóricos assumidos por ele no artigo científico. Quanto aos verbos introdutores, também não são neutros, pois são formas pelas quais os especialistas comentam, avaliam, classificam, parafraseiam o discurso do outro.

Como visto, a predominância do uso dos recursos tipográficos aponta para o fato de que os especialistas preferem não atribuir juízo valorativo sobre o discurso do outro, demonstrando adesão em relação ao conteúdo das palavras alheias relatadas na construção do artigo científico. Além disso, tal predominância indica que o locutor não emite comentários avaliativos sobre o conteúdo do discurso citado e, conseqüentemente, não influencia o leitor na construção de sentidos para esse discurso citado na tessitura do artigo científico. Assim, os recursos tipográficos, enquanto formas de introduzir o dizer do outro, exigem do leitor certa maturidade e esforço, isso porque os sinais que evidenciam e apontam o caminho pelo qual se deve entender um discurso alheio são praticamente apagados. Desse modo, cabe ao leitor recuperar, por exemplo, se o que o outro disse é uma afirmação, uma negação, uma indagação, uma problemática, um questionamento, um argumento etc. Talvez o fato de os produtores

serem pesquisadores especialistas (doutores), que produzem para um público de cientistas da mesma área do conhecimento, explique a predominância da ocorrência dos recursos tipográficos como introdutores privilegiados.

5 Interpretando os achados: conclusão

Este trabalho pautou-se no objetivo de investigar as formas de introduzir o discurso citado em artigos científicos produzidos por pesquisadores especialistas da área de Geografia. Procuramos, mais especificamente, identificar a recorrência das formas de introdução do discurso citado, mostrando como ocorre o diálogo materializado no tecido textual e como esse diálogo constrói os sentidos do discurso.

Os dados mostram que foram quatro os introdutores de discurso citado mobilizados na construção do gênero artigo científico da área de Geografia, a saber: (i) recursos tipográficos (aspas, itálico, dois pontos, recuo e diminuição da fonte); (ii) verbos introdutivos; (iii) grupos preposicionais; e (iv) verbo *dicendi* + “que”. Desses introdutores, os recursos tipográficos predominam com larga maioria. Além desses, os grupos preposicionais aparecem como segunda forma mais mobilizada. Logo em seguida, temos o uso do verbo *dicendi* + “que” e, por último, com menos ocorrência, aparecem os verbos introdutivos.

A predominância dos recursos tipográficos, conforme apontamos na análise, pode revelar uma tendência dos especialistas em tentar: (i) uma aproximação com o discurso do outro, no sentido de adesão, já que não houve comentário indicando uma posição desfavorável do locutor (não temos uma quebra sintática radical, mas apenas uma marcação entre discurso citante e discurso citado); (ii) uma não interferência na construção dos sentidos do discurso do outro citado na materialidade textual (não temos o uso de verbos, grupos preposicionais ou outros elementos linguísticos que promovam qualquer influência interpretativa do conteúdo desse discurso citado); e, por outro lado, (iii) pode exigir maior esforço do leitor na compreensão do próprio conteúdo dos discursos citados, visto que os recursos tipográficos não fornecem pistas ou indicação semântica desse discurso outro.

Esses dados revelam apenas um aspecto da escrita acadêmica e, mesmo assim, não esgotam as possibilidades de leituras sobre essa mesma questão. Pesquisa semelhante pode ser empreendida tomando como objeto de estudo produções de especialistas de outras áreas. Além disso, ao estudarmos as formas de introdução do discurso citado, focamos em apenas um aspecto desse fenômeno. Outras pesquisas podem tomar esse mesmo fenômeno a partir de

outro ângulo de análise. Entendemos que os dados apresentados revelam uma tendência mais geral de como os sujeitos enunciativos lidam com o discurso do outro, como eles mobilizam esses outros discursos, que funções essas vozes de outrem exercem no discurso dos enunciativos. Assim, pesquisar as formas de introdução do discurso de outrem é perceber como ocorre o diálogo marcado na trama discursiva entre discurso citante e discurso citado.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos lingüísticos**. Trad. de Celene M. Cruz e João W. Geraldi. Campinas, São Paulo: 1990.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: Authier-Revuz, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOCH, F; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. **Revista Scripta**, v. 6, n.11. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. p. 97-108.

BERNARDINO, R. A. dos S. **A reformulação parafrástica na fundamentação teórica de trabalhos de conclusão do curso de Letras**. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BESSA, J. C. R. (Coord.). **Relatório técnico final de atividades: Pesquisa “A referência ao discurso do outro em textos acadêmicos de estudantes de curso de Letras”**. p. 47. Departamento de Letras do *Campus* Avançado “Profª. Mª Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2010. (Apoio: PIBIC/UERN).

MAINGUENEAU, D. **Elementos de linguística para o texto literário**. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Análise de Textos de Comunicação**. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo, Cortez, 2002.

MATÊNCIO, M. de L. M. Atividades de re (textualização) em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PEREIRA, C. C. **Formas e funções do discurso do outro no gênero monográfico**. 2007. 234 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

Data de recebimento: 26 de julho de 2014.

Data de aceite: 05 de dezembro de 2014.